

Agency¹ e Sexualidade no Contexto Psicanalítico Contemporâneo:

Comentários introdutórios à tradução portuguesa de “Tenho tentado que me respondam”: Sexualidade e Agency em Psicanálise”

Jonathan H. Slavin, Ph.D., ABPP

Tradução de Rosalina Marshall

Agradeço imenso a oportunidade de ter este artigo traduzido para português. Espero que os leitores considerem estes comentários e o artigo em si úteis a nível teórico e clínico.

Frequentemente, quando lecciono em seminários, gosto de explorar artigos de outros autores. Gosto de tentar compreendê-los profundamente em conjunto com os estudantes e participantes dos seminários; há sempre muito a dizer não só sobre o que o autor está a tentar transmitir-nos, mas também acerca da razão pela qual em primeiro lugar o escreveu. Por vezes descobrimos que, como é frequente no caso dos trabalhos de Freud e de outros contribuidores inovadores como Jéssica Benjamin (1995a, 1995b), ou Irene Fast (1978, 1984, 1992, 2006, ver também Slavin em Fast, 2012), entre outros, o autor não está a escrever para nos ensinar algo que já sabe. O verdadeiro acto de escrever é para ele uma forma de pensar através de algo que o confunde, o perturba, e escreve para tentar dar sentido a isso. Por vezes, os autores mudam de ideias a meio e simplesmente continuam a escrever (especialmente antes dos computadores e da capacidade de se apagar toda a confusão e recomeçar!). Há um exemplo

1 Nota do tradutor: A pedido expresso do autor o termo *Agency* será mantido em língua inglesa.

notável disso no artigo de Freud "*Observations on Transference Love*". (1915)². Desconstruir artigos desta forma é um processo fascinante.

Mas tenho dificuldade quando se trata dos meus próprios artigos. Considero-os muito difíceis de ensinar e desmontar. Talvez não consiga alcançar nem a objectividade necessária, nem o desejo de descobrir todos os problemas, por pensar que é muito mais divertido fazê-lo com os artigos de outras pessoas. Muitas vezes sinto que já disse o que queria dizer acerca do assunto, portanto está no artigo. Embora seja muito interessante ouvir outras perspectivas, frequentemente sinto que não tenho nada a acrescentar.

Esperava ter uma reacção semelhante ao escrever a introdução para esta tradução, mas afinal, o tempo, a experiência de ensino, a reflexão, sugerem que talvez seja capaz de oferecer um contexto adicional à leitura deste texto.

Este artigo surgiu da minha experiência clínica, muitos, muitos anos de leituras, tentativas de compreensão da obra de Freud e outros psicanalistas clássicos, bem como das mudanças no modo de pensar acerca da natureza dos processos de desenvolvimento que surgiram posteriormente: no trabalho de Winnicott, Kohut e da vertente interpessoal americana (Sullivaniana) e actuais perspectivas relacionais (nomeadamente Jéssica Benjamin e Irwin Hoffman, entre outros). Mas sobretudo as ideias surgiram da experiência clínica directa, especialmente por estar a trabalhar com estudantes universitários (entre os 18 e 20 anos de idade) nos anos 70, 80 e seguintes. Isto foi especialmente verdade no contexto dos direitos civis americanos, da "revolução social" e movimentos feministas desta altura. Foi um tempo em que, apesar das adversidades, as pessoas se sentiram empoderadas para reapropriar-se do seu próprio destino. Da sua própria "agency".

Uma das consequências desses tempos foi, literalmente, a imposição de uma consciencialização – que a sociedade ainda tem que assimilar – da prevalência do abuso sexual de crianças em cada esquina, coisa que a psicanálise, apesar das formulações iniciais de Freud acerca do trauma e abusos sexuais, teve muita

2 "I should like now, however, to examine these arguments with a critical eye and to raise the question whether, in putting them forward to the patient, we are really telling the truth..." (p. 169) Freud escreve e contraria a sua perspectiva anterior, perspectiva essa que, neste caso, tem que ver com a possibilidade do amor vivido na relação analítica ser de facto real. A importância desta referência ao que é real deverá tornar-se mais clara adiante nesta introdução e também no artigo que se segue.

dificuldade em integrar devido ao enfoque intrapsíquico implacavelmente rígido que veio adoptando. O que na realidade aconteceu às pessoas foi compreendido primeiramente como produto de fantasias e desejos internalizados, ou secundário ao que foi elaborado pela mente.

Não tenho dúvida de que os passos dados por Freud na direcção do intrapsíquico, afastando-se do trauma enquanto etiologia principal, anunciados na sua famosa carta a Wilhelm Fliess (1897), representaram um passo dramático e importante na nossa compreensão do funcionamento da mente. A mente que os nossos pacientes partilham connosco é a mente que precisamos de compreender, penetrar e através do processo da nossa compreensão ajudar os pacientes a mudar. Não há dúvida de que estamos a alterar os cérebros dos nossos pacientes (Kandel, 2013) e o trabalho que fazemos com eles por sua vez também muda os nossos cérebros (Slavin & Rahmani, 2016).

Por motivos que se oferecem à especulação, mas que excedem esta introdução, a psicanálise parecia estar concretamente presa ao intrapsíquico. Mesmo que coisas muito más acontecessem a pessoas reais, crianças e adultos, tal como Freud sempre reconheceu, não havia espaço na forma como a teoria clássica era concretizada nas gerações subsequentes de psicanalistas para integrar os traumas reais e os seus efeitos na mente. Por vezes causaram-se grandes danos a pacientes cuja experiência foi negada e, de forma completamente louca e perversa, atribuída à fantasia e desejo.³ Infelizmente gerações de indivíduos vítimas de abuso foram retraumatizadas durante o processo de análise através da negação da sua verdade mental.

Há claramente diferenças na compreensão do desenvolvimento da mente, do mundo objectivo – e lugar da realidade – no trabalho de Winnicott, Kohut, Harry Stack Sullivan, pensadores interpessoais e na psicanálise relacional. Todavia, todos estes desenvolvimentos, com início na segunda metade do século XX, podem ser entendidos como esforços, de uma maneira ou de outra,

3 As ideias de Ferenczi (1933 e outros escritos) acerca do trauma, abuso e partilha "real" no processo de tratamento são notáveis excepções. Mas podemos sugerir que a mais forte e crescente influência destas formulações surgiu após mudanças significativas já estarem em curso na nossa forma de pensar acerca do papel dos objectos reais e de eventos reais na vida psíquica.

para reintroduzir o mundo objectivo como algo mais que objectos de libido e *cathexis*, mas sim enquanto realidade externa que verdadeiramente influencia as mentes das crianças durante o seu crescimento. De numerosas formas estas ideias culminam no trabalho extraordinário de Jéssica Benjamin (1995a, entre muitas outras contribuições suas) e na sua compreensão do desenvolvimento de capacidades para uma verdadeira intersubjectividade, uma verdadeira integração e compreensão “dentro da mente individual” de que “existem outras mentes lá fora”, conforme descreve (p.34).

O trabalho de Benjamin refere uma questão que foi inicialmente levantada num trabalho importante de Greenberg e Mitchell (1983). Greenberg & Mitchell abordaram um grave problema no pensamento psicanalítico acerca da mente, acerca do seu desenvolvimento e das suas respectivas implicações na compreensão da neurose e do seu tratamento. Até então, as nossas teorias não tinham como dialogar seriamente uma com a outra acerca das suas diferenças, quanto mais chegar a entendimentos mútuos. Usavam linguagens diferentes. Tinham fundamentalmente pressupostos divergentes acerca da mente, de como se formava e através de que forças. Por consequência, cada uma, baseando-se nas suas ideias paroquianas, desenvolveu um modo de pensar o processo de tratamento e por conseguinte isto conduziu a diferentes formas de entender o que acontece em tratamento e até acerca do que é a psicanálise.

O que Greenberg & Mitchell fizeram - e que é essencial para que a psicanálise se conserve uma disciplina baseada na observação, pensamento, troca e até conflito de ideias (que é o que é a ciência) – foi oferecer uma forma comparativa de olhar e organizar as nossas teorias por forma a compreendermos as suas diferenças de modo sistemático. Quais são os diferentes pressupostos acerca da mente e o que é que influencia a sua formação? De que diferentes maneiras pensam acerca do processo de desenvolvimento e acerca de como se formam as relações? Quais são as implicações que estas perspectivas têm no tratamento e de que forma podemos compreender o que nele ocorre? Partilhamos sequer objectivos comuns? Se indivíduos são incapazes de comunicar uns com os outros numa linguagem comum ficamos com uma “psicotagarelice”. E por demasiadas vezes foi o que aconteceu.

Um paradigma que emergiu do trabalho de Greenberg e Mitchell (1983), depois de obtida uma linguagem comparativa comum, assentou na diferença real entre os pressupostos fundamentais de cada teoria. Estas estruturas teóricas básicas foram chamadas modelos “pulsão/estrutura” (p.21) *versus* modelos “relacional/estrutura” (p.25). Os termos são praticamente auto-explicativos. Modelos de estrutura pulsional, como as primeiras teorias clássicas de Freud e das gerações subsequentes, defendem que a mente é moldada e formada inicialmente por pulsões internas fundamentais que classicamente consideramos serem a libido e a sexualidade. É isto que elabora a mente. A formação de objectos e relações objecto decorrem das pressões destas pulsões.

Os modelos de estrutura relacional são também o que o nome indica. A mente é moldada e fundamentalmente formada, não por pulsões *per se* mas antes pelo facto de os humanos estarem inerentemente envolvidos em relações desde o nascimento e serem as relações que primariamente influenciam e constroem a mente.

A questão que se apresenta a Greenberg e Mitchell, questão que poderemos considerar a tarefa da psicanálise no século XXI e seguintes, é se estas duas perspectivas fundamentais – divergentes em quase todos os aspectos da psicologia humana – poderiam ser integradas. Uma elaboração acerca desta questão está para lá do âmbito desta introdução. Mas, sumariamente, Greenberg e Mitchell concluíram, na sua percepção inicial, que estes modelos representavam na verdade perspectivas discrepantes e irreconciliáveis. Em certo sentido, e a título de exemplo, assemelha-se à questão que se coloca em Física relativamente à integração da teoria da relatividade e da mecânica quântica (B., W. *et. al.*, 2004). Aparentemente perspectivas vastamente divergentes acerca do Universo.

Considero pessoalmente que muitos psicanalistas e psicoterapeutas psicanalíticos, senão mesmo a maioria, decidiram simplesmente nem tentar abordar este problema.⁴

4 Uma abordagem singular na integração destes modelos da mente está patente no trabalho de Malcolm O. Slavin, (sem qualquer relação com o autor) e Daniel Kriegman (1992). As suas perspectivas acerca de uma compreensão biológica evolucionária da formação e funcionamento da mente sugerem que os dois modelos da mente representam aspectos da psique humana igualmente verdadeiros, inerentes, adaptativos, se bem que inevitavelmente conflituais.

Já não fundamentamos a nossa construção teórica e observações clínicas na sexualidade e na libido de forma tão restritiva, mas não as excluimos. Consideramos que os conflitos edipianos e pré-edipianos são fundamentais, esta compreensão deriva da teoria das pulsões, da teoria da libido e da importância da sexualidade na vida e desenvolvimento humanos.

Ao mesmo tempo, somos todos mais ou menos “relacionais”, como o *cartoon* americano acerca da raposa à noite em casa da galinha, com os olhos a cintilar no escuro, dizendo “só cá estamos nós as galinhas.” Reconhecemos a forma como a experiência real, o trauma real, com pessoas reais afecta a mente. Nunca chegamos a explicar bem como, simplesmente partimos do princípio de que sim e que a relação terapêutica ajuda a mudar a mente. Muitas vezes, ser “relacional” equivale a ser mais interativo, mais acessível a nível pessoal, em vez de se pensar especificamente acerca da natureza da própria mente e através de que processo entre duas pessoas ela se molda e modifica (Slavin, 2010, 2012).

Desta forma, ficamos com uma questão assombrosa e, a meu ver, absolutamente crítica. Honestamente, de que forma é que a psicoterapia psicanalítica ajuda? Como é que duas pessoas se sentam, às vezes durante um longo período, às vezes por demasiado tempo, e de algum modo há qualquer coisa que entra na mente de uma dessas pessoas que representa uma reorganização real, uma nova forma de vivenciar relações, uma nova forma de se ver a si próprio e de perspectivar a sua vida? E sobretudo, aqueles de entre nós que fizeram estas terapias e as praticam, são verdadeiros crentes. Nós sabemos que funciona.

Não quero com isto dizer que o artigo agora traduzido para português, bem como outros artigos meus (Slavin, 2010, 2011, 2016) apresentem uma resposta nova e definitiva a estas importantes e profundas questões teóricas e práticas (espero que ainda assim os leiam). Mas deveríamos ter alguma ideia acerca de como funciona.

Espero que neste artigo se encontre um esforço inicial de abordagem a estas questões através da observação de dois aspectos fundamentais da vida e desenvolvimento humanos. Em primeiro lugar, a centralidade da sexualidade desde o nascimento, definida no sentido freudiano bastante amplo e relevante. Temos que levar isso em conta enquanto fonte primária de motivação, conflito, incessante pulsão, prazer, e, evidentemente, intimidade.

Não menos central é a importância do impacto que as outras pessoas e as suas mentes têm em nós, já bastante explorado nas relações de objecto e perspectivas psicológicas do *self* mas também a forma como as nossas próprias mentes, da infância por diante, têm impacto nas pessoas que nos rodeiam. É esta experiência do impacto que nos permite desenvolver a percepção de se ser uma pessoa e da importância que temos para os outros.

Por conseguinte, o artigo não aborda apenas a sexualidade, mas também a experiência, a experiência interna, de um sentido de *agency*, de sabermos que significamos algo para as outras pessoas presentes nos nossos mundos.

Espero também que a discussão acerca de sexualidade e *agency* que se segue neste artigo possa sugerir o quão fundamentalmente estão relacionadas estas funções da experiência humana. Conforme explico no artigo, espero que esta compreensão nos permita abordar mais especificamente a questão de como exactamente, psicologicamente, algo que ocorre fora da mente, na interacção real entre pessoas, entra na mente e a modifica. Partimos do princípio de que isto acontece, não é? De outra forma não nos encontraríamos com ninguém. Mas nunca realmente dissemos, salvo através da demonstração disso por parte das neurociências, exactamente como pode ocorrer. Espero que se interessem pelo meu esforço inicial em apontar um sentido.

Agradecimentos

Estou imensamente agradecido a Miki Rahmani-Yerushalmy, M.A., Andrea Spirn, Ph.D., e Beth A. Schreiber, Ph.D., pela leitura atenta e comentário detalhado à versão inicial destes comentários introdutórios.

Referências

Benjamin, J. (1995a). Recognition and destruction: An outline of intersubjectivity. In *Like subjects, love objects: Essays on recognition and sexual difference* (pp. 27–48). New Haven, CT: Yale University Press.

Benjamin, J. (1995b). What angel would hear me: The erotics of transference. In: *Like Subjects, Love Objects: Essays on Recognition and Sexual Difference*. New Haven, CT: Yale University Press, pp. 143–174.

Fast, I. (1978). Developments in gender identity: The original matrix. *International Review of Psycho-Analysis*, 5, 265–273.

Fast, I. (1992). The embodied mind: Toward a relational perspective. *Psychoanalytic Dialogues*, 2, 389–409. doi:10.1080/10481889209538940

Fast, I. (2006). A body-centered mind. *Contemporary Psychoanalysis*, 42, 273–295. doi:10.1080/00107530.2006.10745888

Fast, I. (1984). *Gender identity: A differentiation model*. Analytic Press.

Ferenczi, S. (1933). Confusion of tongues between adults and the child. *International Journal of Psychoanalysis*, 1949, 30, 225–230.

Freud, S. (1897). Letter 692 (Extracts from the Fliess papers). *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*, Vol. 1, 259–260.

Freud, S. (1915). Observations on transference-love. *Standard Edition*, 12, 159–171. Hogarth Press, 1958.

Greenberg, J., & Mitchell, S. (1983). *Object relations and psychoanalytic theory*. Harvard University Press.

Kandel, E. (2013, September 6). The new science of mind. *The New York Times*. Retrieved from <http://www.nytimes.com/>

Pfaff, W. et. al. (2014). Unconditional quantum teleportation between distant solid-state quantum bits. *Science*. Vol. 345, Issue 6196, pp. 532–535. DOI: 10.1126/science.1253512

Slavin, J. (2010). Becoming an individual: Technically subversive thoughts on the role of the analyst's influence. *Psychoanalytic Dialogues*, 20, 308–324. doi:10.1080/10481885.2010.483957

Slavin, J. (2011). The innocence of sexuality. In L. Aron & A. Harris (Eds.), *Relational Psychoanalysis, Vol. 4: Expansion of theory* (pp. 45–67). Routledge. (Earlier version published 2002, *Psychoanalytic Quarterly*, 72, 51–80.)

Slavin, J. and Rahmani, M. (2016) Slow dancing: Mind, body, and sexuality in a new relational psychoanalysis, *Psychoanalytic Perspectives*, 13:2, 152-167, DOI: 10.1080/1551806X.2016.1156430

Slavin, M., & Kriegman, D. (1992). *The adaptive design of the human psyche: Psychoanalysis, evolutionary biology, and the therapeutic process*. Guilford Press.